



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PALMAS, TO, 13 DE DEZEMBRO DE 1996

Senhor Governador do Estado de Tocantins; companheiro Siqueira Campos; Senhor Ministro de Estado dos Transportes, Dr. Alcides Saldanha; Senhor Vice-Governador Raimundo Nonato Pires dos Santos; Senhor Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Cacildo Vasconcelos; Senhor Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Antônio Félix Gonçalves; Senhores Senadores que me dão a honra da companhia; Deputados Federais e Estaduais; Senhor Prefeito do Município de Palmas, Eduardo Siqueira Campos; Senhor Arcebispo de Palmas, Dom Alberto Taveira Corrêa; Senhores Secretários de Estado; Senhoras e Senhores;

Com a generosidade característica, o Governador deste estado, meu companheiro Siqueira Campos, não só me saudou, como traçou aqui todo um programa. Todo um programa que tem a ver com cada um de nós, porque é um programa de integração deste Brasil.

Há pouco, nós estávamos na estrada Tocantins 040. Lá, no limite entre o Tocantins e a Bahia, nós não sabíamos se era o Senador Antônio Carlos que elogiava as terras, dizendo que eram do Tocantins, ou se era o Governador Siqueira Campos, que dizia que eram da Bahia.

E, num futuro próximo, nós vamos ver aquelas terras, que são do Tocantins e da Bahia porque são do Brasil, com maior capacidade ainda de produzir, porque nós estamos inaugurando estradas, porque a eletricidade está lá, porque nós estamos tendo mais tratores, porque nós começamos, repito, a baixar os juros – vamos continuar – e a financiar a produção, porque o Brasil é um país que tem gente que acredita em si mesma, no povo e no próprio País.

É um grande país. O Senador Rocha, que está me olhando meio de soslaio, sabe que este é um grande país. Não é fácil para um país continental, senhor Vice-Governador, deixar de arranhar as costas, como dizia o Padre Vieira. Mas nós estamos sentindo que, hoje, aquilo que, há poucas décadas, era uma ilusão, um sonho, uma vontade – e ninguém melhor que Juscelino para expressar essa vontade com a Belém-Brasília – pois bem, hoje não é mais uma ilusão, um sonho e uma mera projeção de vontade: é uma realidade.

Esta cidade de Palmas tem sete anos. Hoje, ao descer aqui, ao ver esta avenida imensa, ao ver este centro cultural, mas, sobretudo, ao vê-los, ao ver esta gente que está aqui, com força, com vontade, eu tenho certeza – certeza – de que o Brasil já está muito longe da costa. Hoje, já existem, aqui, no centro geodésico do Brasil, um estado e uma cidade, que já estão oferecendo ao País, ao invés de pedir do País.

E aquilo que foi aqui mencionado pelo Governador é obrigação de todos nós, brasileiros – Presidente, Deputados, Senadores, Ministros, Ministro Saldanha, que me acompanha. É nossa obrigação. Nós vamos ter que viabilizar o Lajeado, porque ele é bom para o Tocantins, é bom para Palmas, é bom para o Brasil. E a maneira eficaz de fazê-lo já foi descrita pelo Governador: é em parceria. Os estudos estão feitos, acabei de recebê-los. A vontade política existe. O Ministro de Minas e Energia, Raimundo Brito, sabe da importância da obra. E nós já realizamos, nesses dois anos de meu Governo, 70 contratos de concessão de energia. São 3 bilhões de reais – não do Governo, mas da iniciativa privada – que vêm se juntar ao esforço do Governo para produzir mais energia para o Brasil.

Lajeado vai produzir mais mil megawatts e vai produzir um lago à altura de Palmas. A Estrada de Ferro Norte-Sul, mencionada pelo Governador, já está retomada. Nós já estamos no trecho que vai chegar a Imperatriz. Não foi fácil, porque o Governo teve muitas dificuldades na primeira fase da estabilização da moeda – dificuldades para conseguir, efetivamente, mobilizar os recursos, que apenas começam a ser mobilizados. Mas, com o Real, numa economia estável, com uma base política sólida, não só no Congresso, mas também no povo, porque o povo é a verdadeira base do Governo, com essa crença, nós começamos a poder viabilizar as obras fundamentais do Brasil. E essa ferrovia é fundamental.

Não basta a ferrovia. Nós precisamos, já disse o Governador, fazer o sistema intermodal. Todo o Brasil sabe que, para o Governo atual, as hidrovias são fundamentais. Nós fizemos um plano chamado Brasil em Ação. Nele, destacamos 42 obras, todas de integração, integração física e social, da educação, da saúde, do acesso à terra. Mas nós pusemos lá, e bem alto, a importância das hidrovias.

A hidrovia Araguaia-Tocantins, ligada à Ferrovia Norte-Sul, saindo pelo porto de Itaquí, ou indo lá para baixo, para poder fazer o trecho final e fazer a integração com a parte sul do Brasil, é fundamental, porque ela corta o centro do Brasil e viabiliza o transporte de mercadorias e de seres humanos. Nós vamos fazê-lo.

Há pouco, disse-me o Senador Ornelas, do Estado da Bahia, que só o fato, Eduardo, de nós termos mencionado, com muita insistência, a importância da retomada da hidrovia do São Francisco e de estarmos começando a fazer o pequeno trecho de Unaí a Pirapora, nem que o Governo ainda não tivesse feito nada, já aumentou, consideravelmente, o transporte pelo rio São Francisco. A população passou a ver que é importante a hidrovia e passou a perceber que nós estamos, sim, fazendo o que prometemos.

Aqui há os que sabem que já a próxima safra – não deste lado de cá, do Tocantins, mas do lado de lá, no Araguaia – já na direção do rio Madeira, lá em Rondônia, e já numa parte de Mato Grosso, a safra vai escoar através de Porto Velho, através de barcas que vão

subir o rio Madeira e que vão desembocar no Amazonas. Lá em Ita-coatiara já há um terminal graneleiro, e essa safra vai para o Hemisfério Norte, barateando, radicalmente, o custo de transporte da soja, tornando o Brasil mais competitivo.

Este é o Brasil que o Governo pede, o da integração. Este é o nosso Brasil. Nossos ancestrais, Vice-Governador, já olhavam por aí. Eu tenho lá um quinto avô que sucedeu a Porto Magalhães e que se encarregava da hidrovia Araguaia, com a saída de Goiás para o Pará, desde o século XVIII, do século XIX.

Passaram-se séculos para que nós retomássemos esse mesmo espírito. Agora, com a urgência do Siqueira Campos, o espírito está retomado e, com vocês, nós vamos construir, aqui no coração do Brasil, aqui neste canto do nosso país, um estado próspero.

Falta muita coisa, mas não falta técnica. Falta muita coisa, mas não falta decência. Falta muita coisa, mas nós não aceitamos mais a corrupção. Falta muita coisa, mas, hoje, nós também clamamos, junto ao povo, por mais igualdade e mais justiça. De modo que o que falta é uma questão de tempo.

Há condição de que nós mantenhamos este espírito: um espírito de amor ao País, sem sectarismos, sem partidarismos exaltados, com objetividade; sem imaginar que o Governo faz tudo, porque não tem condições de fazê-lo; com a iniciativa privada, mas, sobretudo, com aquele espírito que o Governador descreveu aqui; onde a propriedade não é privada, mas não é estatal; onde o público constitui o estatal; onde o interesse de todos é o que conta. Os recursos virão do Estado e virão da sociedade.

Esse é o novo Brasil, o Brasil da democracia, o Brasil da tranquilidade, da simplicidade, um Brasil que não é exibido, como não é exibido o povo deste estado, que lá fora nem se sabe que aqui já pulsa um grande estado. Mas, com esse espírito, Governador, eu não tenho dúvida nenhuma: nós vamos continuar no caminho do progresso.

Quero finalizar desejando que esses tratores que vi por aí, que essas pessoas que aqui receberam incentivos, que elas sigam em frente. Nada do que dissermos, de integração física, liberdade, democra-

cia, nada disso tem um significado completo senão quando o povo sente que está melhorando, ele próprio, está trabalhando e do fruto do seu trabalho deriva o resultado, que vai ser utilizado em benefício da sua família; sabe que os governos estão aí não para perseguir, não para fazer sectarismo, mas para dar o apoio necessário. E sabe, também, que só com a vontade solidária de todos nós é que vamos chegar aos nossos objetivos.

Agradeço. Agradeço de todo o coração o modo espontâneo, simples, direto como fui recebido aqui. Daqui, vou para o Maranhão e, depois, para o Ceará e retornarei a Brasília. E, cada vez que retorno a Brasília, depois de ter penetrado fundo nas raízes do meu país, me sinto mais convencido de que este é um grande país porque tem um grande povo.

Muito obrigado a vocês.